

WALTER ALBERTO EGLER (1924-1961)

No dia 28 de agosto de 1961, precipitava-se pelas cachoeiras de Macacuara, no rio Jari, território do Amapá, uma embarcação carregada de material científico e que transportava homens dedicados ao estudo da natureza. O desastre enlutou dolorosamente a ciência brasileira, porque resultou no falecimento de WALTER ALBERTO EGLER.

Foi uma perda prematura, ceifando uma jovem vida em plena curva ascendente de produção para o país. Foi um acidente lamentável que interrompeu cruelmente uma existência saudável, em plena fase de expansão do círculo de familiares e amigos que o estimulavam.

Todavia, assim o destino ligou indelévelmente a pujante floresta amazônica com aquele que, na qualidade de diretor do Museu Goeldi, não media nenhum sacrifício para estudar os seus valiosos segredos.

WALTER ALBERTO EGLER, como engenheiro-agrônomo, como geógrafo e como naturalista, sempre se distinguiu pela lucidez de idéias e pela eficiência do seu trabalho.

No Conselho Nacional de Geografia galgou todos os degraus da carreira de geógrafo, ingressando como estagiário sem remuneração em 1947, e atingindo a chefia da Secção Sul da Divisão de Geografia em 1951. Ali passou pela fase do autodidatismo, ali aperfeiçoou seus conhecimentos na escola prática de LEO WAIBEL de quem era um dos principais colaboradores brasileiros. Ali publicou excelentes monografias regionais, sempre ventilando seus temas prediletos: geografia agrária e fitogeografia. Viajara, então, por quase todo o Brasil, excluída justamente a Amazônia. Em 1955, colocado à disposição do Conselho Nacional de Pesquisas, ascendeu à Diretoria do Museu Goeldi em Belém, instituição que estava em fase de reorganização. Lá podia EGLER desenvolver todos os seus conhecimentos, sendo essencialmente um ecologista, tinha sobre os botânicos a vantagem da formação geográfica e sobre os geógrafos, a de possuir ampla base biológica. Apenas uma queixa deixava ele escapar: a de que os intrincados problemas burocráticos praticamente lhe roubavam todo o tempo que ele gostaria de dedicar à pesquisa.

Sempre possuiu, em alta dose, um senso crítico que não lhe permitia filiar-se a uma ou outra escola, a esta ou àquela corrente de conceitos. Justamente esta característica de situação eclética, elegia-o como um pesquisador de respeito. Além disso, era um espírito simples, avesso ao fugaz esplendor das altas posições de gabinete. Acreditava no trabalho honesto e construtivo, desprezava o falso valor de fachada. Gostava das conversas inteligentes, detestava a bajulice, fôsse de quem fôsse.

Sua carreira profissional, na realidade, é sintetizada pelos trabalhos publicados e que dão idéia do brilhantismo que alcançou em tão pouco tempo. Entre outros, salientam-se: "A zona pioneira ao norte do rio Doce" R.B.G., ano XIII, n.º 2 (1951); "Contribuição ao estudo da caatinga pernambucana" R.B.G., ano XIII, n.º 4 (1951); "A orientação geográfica na colonização oficial no estado da Bahia" (1951); "Aspectos gerais da cultura do fumo na região do Recôncavo Baiano" (1952); "Aspectos geográficos da cultura do cacau na Bahia" (1953); "O uso da terra na bacia Paraná-Uruguaí" (1955); "Contribuição ao conhecimento dos campos da Amazonas (1960); "O gênero *Glasonia*" (1961); "Notas sobre a redescoberta de *Hevea camporum* DUCKE" (c./J. M. PIRES, 1961); "Zonas pioneiras do oeste de Santa Catarina" (1961); "O sertão de Pernambuco" (1961); "Problemas agrários do Brasil" (1961, transcrição de 1951).

O destino interrompeu, em preparação, uma outra obra que merecia o carinho de WALTER ALBERTO EGLER e na qual é rendida justa homenagem à memória de um dos maiores botânicos brasileiros: "A biografia, bibliografia e trabalhos de ADOLPHO DUCKE".

EGLER deu ainda sua valiosa colaboração nos trabalhos da Comissão para Localização da Nova Capital, em 1947, e nos trabalhos da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí, em 1955.

A Associação dos Geógrafos Brasileiros contava com sua atuação constante e também são numerosas as suas traduções de trabalhos franceses e alemães sobre geografia.

O choque e a consternação que atingiram indistintamente geógrafos, naturalistas, engenheiros-agrônomo e todos aqueles que conheciam WALTER ALBERTO EGLER deve servir de consolo para os seus amigos mais íntimos e para os seus parentes. Só um homem bom é que consegue, após sua morte, congrega tantas manifestações de apreço e manter como EGLER, recordada a sua passagem pela terra, como um exemplo digno e estimulante a ser seguido por todos os que aspiram ao bem e ao progresso do Brasil.

ALCEO MAGNANINI



Walter Alberto Egler